

BOLETIM

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO-SP

N.7

Rua Caiubi, 126 - Tel. 864-1180 - Perdizes - São Paulo - SP

JAN:FEV. 82

A invasão da terra dos Ticuna Áreas Nhambiquara ameaçadas As lutas do povo Trumai

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
 Kardex
 Indexação



Ararapã: líder dos Trumai

Fala Ararapã, líder do povo Trumai

Vindos do Estado de Goiás, fugindo de guerras constantes entre os Xavantes e Bororó e massacres dos brancos-fazendeiros, os Trumai entraram no Parque do Xingu (MT), há muitos anos. Ainda não era Parque e não havia brancos. Eles eram um grupo numeroso, mas foi se acabando. As memórias do chefe indígena Trumai Ararapã, resgatadas nesta entrevista do Boletim.



Ararapã, quando você assumiu a liderança dos Trumai, quantos anos você tem agora? Conta pra gente um pouquinho da sua história.

Eu tenho 24 anos. Assumi a liderança dos Trumai com 18, 19 anos... Foi em 77/78. Eu fiquei no lugar do meu pai em 1978.

Seu pai passou a liderança pra você?

Foi. Então, como eu pensava mudar pra essa aldeia, pra esse lugar onde nós estamos agora, no Makahaviá, isso eu vinha pensando há muito tempo, sabe? Então, por isso que ficou fácil de mudar essa aldeia levar todo mundo pra lá...

Quantos são os Trumai?

Agora tem uns 85.

Quando você assumiu a liderança, quantos tinham?

Tinha 15. Só 15.

Você é o chefe natural dos Trumai. Era você mesmo quem deveria substituir seu pai?

Era. Porque não tem outras pessoas. Tem um outro que é o Aruiavi, que é filho do irmão do meu pai. Ele podia ficar, mas como ele trabalhava no Posto, como funcionário da Funai, ficou meio difícil ele voltar. Então por isso que não tinha outro jeito, sabe? Daí, meu pai pegou e colocou no lugar dele. Então, agora eu que estou dirigindo esse povo, não é um povo grande... é um povo pequeno.

Ararapã, eu queria que você contasse essa mudança de aldeia, como vocês aumentaram de 15 para 85 pessoas. Queriam que você contasse a história dos Trumai...

Faz tempo, quando tinha esses 15. Tava muito difícil, sabe? Os Trumai sempre foram muito perseguidos pelos outros povos. Principalmente Kamayurá e Suyá. Então, a gente não tinha muito mais força. Daí a gente foi morar lá no posto. O Orlando mesmo chamou também o meu pai e a gente foi morar lá no Posto.

Antes vocês moravam aonde?

No Anariá, que fica um pouco pra cima do Makalaviá. Acho que faz umas 3 horas de barco até no Anariá.

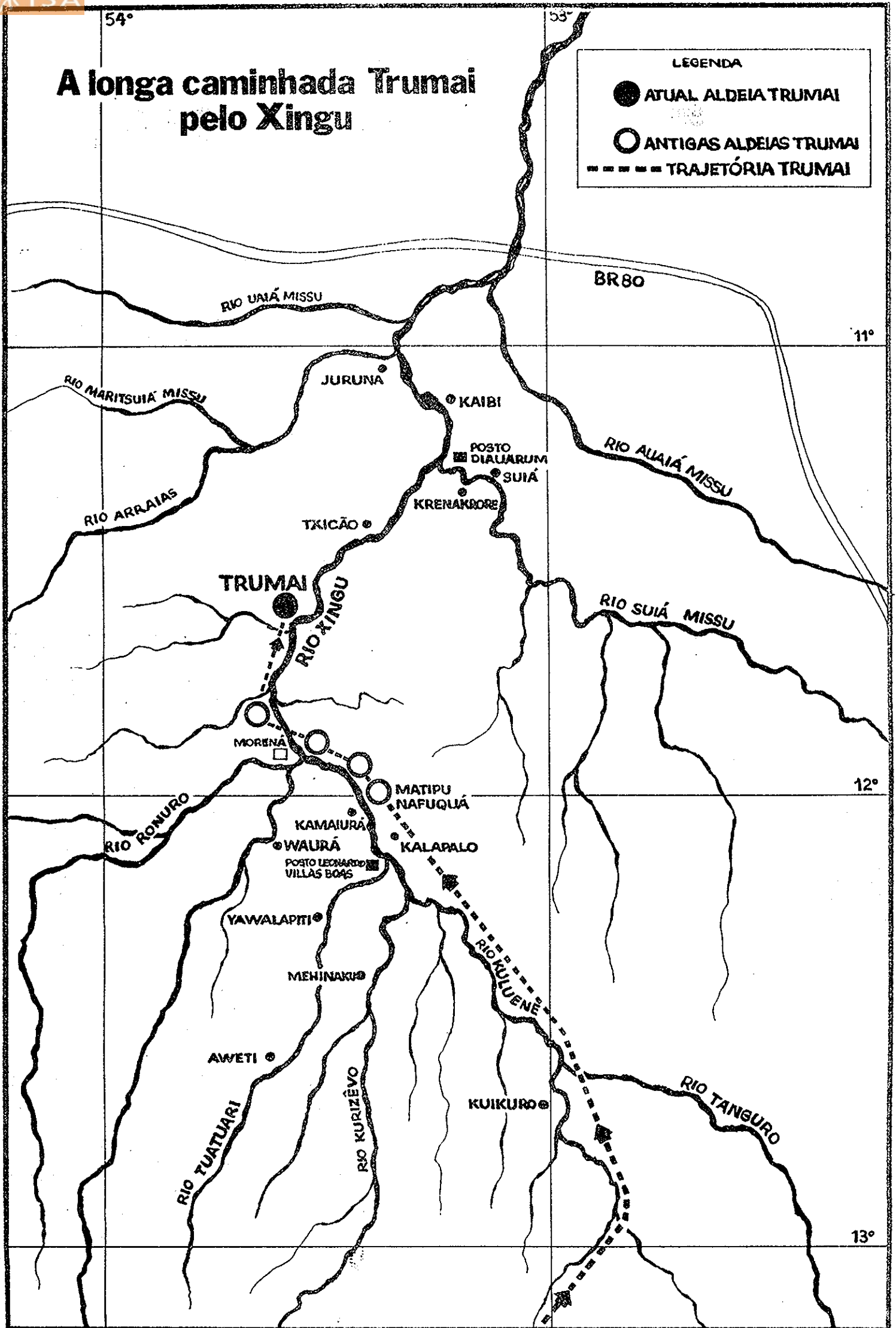
No rio Xingu mesmo, antes de chegar no Posto Diauarum, vindo do Leonardo?

E, chegando pro posto, né?

E quantos vocês eram, você lembra?

Quando nós morávamos no Anariá tinha três aldeias. Tinha bastante gente. E fora desse Anariá tinha outra aldeia lá no Awará e tinha outro Waniwani. Era muito Trumai. E esse povo foi se acabando com essas brigas, guerras e outros, sabe?

A longa caminhada Trumai pelo Xingu



LEGENDA

- ATUAL ALDEIA TRUMAI
- ANTIGAS ALDEIAS TRUMAI
- TRAJETÓRIA TRUMAI

Acervo
ISA
Com outras tribos mesmo.

Com outras tribos.

Os Trumai são do Parque mesmo, da quela região mesmo?

Não. Nós não somos não. Somos de fora, de outro lugar. Eu sei que meu pai fala que a gente veio lá de Goiás. Nós somos de lá.

Seu pai sabe aonde que é?

Sabe. Meu pai sabe aonde é. Nós passamos perto dos Xavante, Karajá. De lá que nós acabamos de chegar no Xingu.

Quando vocês entraram no Xingu já era parque indígena?

Não, não tinha parque ainda. Não tinha branco. Então, nós chegamos lá. Depois de vinte anos que os Trumai chegaram lá, foi que entrou branco lá no Parque. Eu sei essa história toda porque meu pai me contou, tudo também. Então, é assim né? A gente chegando lá já começou briga. Antes mesmo de chegar no rio Xingu os Trumai brigaram também né, porque tinha dois chefes, e cada chefe tinha seu grupo. E esses dois grupos não se deram bem, e quando chegaram no rio Xingu, um grupo voltou prá trás. Então, por isso que até hoje a gente queria, pelo menos saber se existe esse resto que voltou. Não sei se existe. Então, por isso que a gente está tentando, queria saber... localizar, né? Prá saber se existe ainda esse povo. Então foi assim, a gente foi entrando no Parque, foi descendo, eu sei que essa gente, Kalapalo, Kuikuro, e outros não eram de briga. Daí chegamos nos Suyá e começou a briga, sabe? Então assim foi acabando.

Vocês entraram pelo Alto Xingu, né?

É. Entramos. E assim foi diminuindo e ficando pouca gente, depois, devagar começaram a matar os Trumai escondido também, sabe? Foi indo assim até acabar. Aí depois que chegou branco lá começou esse sarampo também. Isso aí que acabou mais. Aí sobrou pouca gente. Daí meu pai ficou conhecendo Orlando né? Chegou lá, ele viu que os povos de lá não gostavam de nós não, dos Trumai. Eles tinham raiva. Porque a gente vivia um pouco diferente deles, né? Então por isso que eles tinham raiva da gente. Aí foi indo né...foi acabando.. Depois que eu nasci a gente foi morar no Posto. Nós moramos quase perto do Posto né? Primeiro na aldeia no Krã-hã. De lá nós fomos pro Diauarum. Fomos morar lá.

O Krã-hã-hã fica perto do Leonardo?

Do Leonardo. Aí nós fomos lá pro Dianarum. Chegamos lá já tava branco lá. Tava o Orlando, Claudio. Nós moramos 5 anos no Diauarum, depois nós moramos dois anos com o Juruna. De lá nós subimos. Sabe, depois que houve uma briga lá entre Kajabi e o meu tio, irmão do Aruiavi, então nós voltamos pro Leonardo. Aí eu já estava um pouco grande. Eu acompanhei, como a gente andou nesse lugar. Nós sofremos, sabe? Então isso aí me ensinou um pouco as coisas. E são essas coisas que eu estou aplicando agora com o meu povo. Isso aí abriu e é por isso que eu estou levando o meu povo desse jeito. Tá melhorando...

Aí vocês moraram no Leonardo. Teve uma época que tinha uma casa né? Conta essa história.

Então. Essa casa só tinha 15 pessoas só. Lá dentro dessa casa. Era liderada por Lituari, meu pai. Então ficamos uns 7 anos no Leonardo.

Durante esse tempo que vocês estavam nessa casa Trumai cresceu ou diminuiu?

Diminuiu. Diminuiu porque muita gente começou a casar com as mulheres. Só tinha mais mulher. Tinha os meninos mas era tudo pequeno. Muito menino ainda e não podia casar. Então tinha mais moça do que homem. Então começaram a casar, sabe? Meu pai foi abrindo mão prá os outros povos, então começaram a carregar e foi diminuindo muito. Então eu vendo essas coisas fui ficando muito preocupado de acabar, de sumir, não acabar, sumir. Eles carregaram todo esse povo. Por isso que aceitei a liderança. A minha idéia não era nada disso ainda. Queria deixar passar mais um tempo até pegar bem como é que é. Como é que era o costume do chefe né? Eu não sei muito bem, mas dá prá levar.

Ao assumir a liderança você pegou também um desafio né? Porque naquela época dizia que os Trumai estavam acabando né?

É. Eu peguei e ficamos só um ano no Posto né? Eu estava estudando um jeito de conseguir tirar esse pessoal, né? Aí, no tempo que a gente tava morando lá fui conversando devagar com os velhos, com meu pai, com outro, com meu tio. Eles foram me ajudando, sabe? Então deu mais força. Todo mundo aceitou. E de lá eu saí com uns quatro homens, abrir o lugar, né? Fizemos roça.

Acervo
PRIMEIRO em 1978, a gente foi fazer roça.

Em Makalaviá?

Em Makalaviá. A gente feza casa, depois foi fácil de mudar prá lá. Só não foi muito fácil porque tinha muita gente que não queria deixar o Posto. Mas eu consegui. Depois que eu saí de lá que eles sentiram a minha falta. To do mundo foi atrás. Então foi assim.

Qual é a situação de vocês lá no Makalaviá? Vocês têm assistência da Funai? Qual a situação em relação à saúde?

Olha, esse negócio nem é bom perguntar porque eu sei que esse negócio que você tá perguntando eu sei que eu tô é me virando sozinho, sabe? Nós não temos nenhum apoio da Funai até agora, depois que a gente mudou, sabe? Antes nós tinha um pouco de apoio, que eu vi Isso aí a gente tinha um pouco antes. Mas depois que mudou, começou a fazer essas trocas de diretor de Parque foi piorando né? Até no tempo do Olympio tava uma beleza prá gente, sabe? Fiquei muito contente. Eu pensei que ia continuar assim, mas agora tá esse outro lá então... eu acho né? Que não tá bom sabe? Usei que nós estamos lá sozinhos como antes quando nunca tinha visto branco, sabe? Prá ajudar. Então a gente tá lá vivendo sozinho.

Mas vocês precisam de assistência?

Nós precisamos dessas coisas. Precisamos. De vez em quando aparece médico por lá. O que passa mais lá é da Escola Paulista de Medicina. De vez em quando eles vão lá. Mas agora, médicos da Funai nunca vi eles pisarem na nossa aldeia. Não só na nossa, como na dos Tricão ou Kajabi, que moram lá perto da gente. Nunca foram lá. Nunca foi médico da Funai nessas aldeias. Então lá está assim, né?

Do que vocês sentem mais falta?

A gente sente mais falta dessas coisas, de médico ou então de enfermeira. Principalmente eu, sinto falta de uma escola também pro meu povo.

Makalaviá é longe do Posto Leonardo e do Diauarum, né? Quantas horas você gasta do Leonardo para o Diauarum?

Seis horas. Remando a gente leva três dias. De três a quatro dias.

Quer dizer, em caso de saúde era preciso ter um motor?

Precisa ter um motor e barco. Eu pedi. A gente já teve barco mas depois eles tomaram. Disseram que tava preci-

sando. Tomaram de volta. Agora tô vendo se eu dou um jeito de conseguir de novo esse barco e motor que é muito bom. Por que a gente precisa.

E um rádio? Vocês nunca pediram?

Rádio também eu vou tentar pedir agora. Porque isso aí também tô pensando. Porque também eu sou muito novo ainda sabe? Eu não posso ficar pedindo muitas coisas. Tenho que ir devagar. Mas eu vou conseguir todas essas coisas porque eu acredito muito em mim. Eu acho que vou conseguir.

E O diretor do Parque, Francisco de Assis? Ele visita vocês, ele conhece vocês, vai sempre lá. Sabe que vocês estão precisando disso tudo?

Olha, ele não sabe de nada que a gente quer. Primeira coisa: porque esse Chico, que é diretor do Parque, não sei de onde que ele veio, até agora não sei a história dele porque eu nunca cheguei a conversar com ele. Conversamos assim né? Mas nunca conversamos sentado, prá saber da vida da gente do que a gente tá precisando. Então, é isso aí que a gente sente muita falta.

Há quanto tempo ele está no Parque?

Acho que vai fazer dois anos agora que ele tá lá no Parque. Você vê, nesses dois anos até agora a gente não viu nada, nenhuma coisa do que eles fizeram, trabalharam. Nada mesmo. Então como eu estava querendo dizer né? Esse Orlando, que todo mundo fala nele, os Orlando Villas Boas né? Como o pessoal fala que ele maltratava os outros né? Que ele era ruim prá todo mundo, mas ele pelo menos olhava os índios né? Olhava, conversava, ele ensinava umas coisas né? Depois que ele saiu encontrou Olympio Serra, era igual, sabe? Muito. Conversava muito com a gente, né? Então, essas coisas que eu enxergo um pouco é por causa dessas pessoas, que eu conversava muito. Mas agora com esse outro não tô aprendendo nada, nada mesmo. Mas estou estudando sozinho, porque eu preciso de saber mais coisa. Com quem eu vou aprender isso? Então, a gente precisa de um diretor bom, que gosta de índio, que tenha interesse de conversar, ensinar índio, é disso que a gente precisa. Muito mesmo.

Você já esteve em Brasília com a Funai, já conversou com o presidente?

Eu já estive em Brasília. Conver-

sei um pouco, mas com o presidente da Funai não. Mas tenho vontade. Talvez eu ainda vou falar isso. Tenho que falar, sabe? Porque assim não pode ficar desse jeito. Porque lá no Xingu cada vez tá sumindo, em vez de levantar. A água tá carregando tudo. Então não pode. Principalmente eu gostaria muito de conversar com Orlando sobre essas coisas, né? Porque eu tô sabendo dessas histórias também, então eu preciso conversar com ele.

Que histórias?

Sobre esse diretor né? Diz que foi ele que colocou. Ele escolheu né? Então quero chegar e pedir outra vez. .. se a gente....porque eu sei que ele vai sair. Isso aí tô falando porque eu vou pedir ao presidente prá trocar ele, sabe? Porque já três vezes que eu vejo as coisas que ele faz lá, en-

tão não gostei. Já passou. Então, como estou falando, a gente não aguenta mais ver essas coisas, sabe?

SEi. Quando vocês mudaram mesmo prá Makalaviá? Você teve apoio do diretor do Parque prá essa mudança?

Foi em 79. Prá essa mudança teve, por causa do Olympio, que estava lá. Então, quando ele tava lá nós estávamos fazendo a mudança.... A gente teve apoio. Até lá eu tive apoio.

E depois, agora. Todo esse seu trabalho de ajuntar o pessoal?

Esse trabalho agora eu tô fazendo sozinho, viu? Sozinho. Tá é duro prá mim, de fazer essas coisas sozinho. Então, nós precisamos de uma pessoa que ajude a gente. Principalmente eu, que os Trumai são poucos. Porque eu tenho medo de perder esse povo, sabe? Porque esse povo é muito importante.



Só existe uma língua. Nossa língua é isolada, sabe? Diferente da dos outros. Não tem parecido com outro, sabe? Então é por isso que eu tenho medo de perder. Mas não vou perder não. Eu tenho que fazer tudo, tudo que eu puder fazer pro meu povo crescer, eu vou fazer. Eu não vou desistir não.

Fale mais desse teu desejo com relação ao teu povo.

Bem, eu gostaria de preparar o meu povo para amanhã ou depois, porque agora como tá se passando no Xingu... por isso que eu gostaria de preparar os meninos para amanhã ou depois. Então por isso que eu estou pedindo um apoio. Prá ver se eu consigo arrumar uma escola pro meu povo. Não só pro meu povo, pros outros que moram lá, que são os nossos vizinhos, os Txicão, que eu gosto muito deles e eles também gostam muito de mim. Por

isso que eu tô procurando prá ver se eu dou um jeito de arrumar uma escola prá esses dois grupos. Que é muito importante. Eu não posso esquecer deles porque eles deram muita mão prá gente. Por isso que eu gosto dos Txicão.

Txicão mora vizinho de vocês?

Txicão mora pertinho da gente.

Então, são esses dois grupos que a Funai tem que dar mais apoio, porque são grupos pequenos, não pode sumir.

E a Funai não dá apoio?

Não dá apoio. Eu já faltei com esse diretor do Parque. Mas ele levou na brincadeira, sabe? E nunca respondeu. Ele fala prá deixar prá mais tarde, mas mais tarde já está passando, porque cada vez que ele dá essa palavra de "mais tarde", o negócio tá apertando a gente. Então, prá fazer isso eu queria logo, logo.

Quando você fala escola, você



Ararapã e sua família no Posto Indígena Leonardo

Acervo ISA
quer o que? Uma pessoa que ensine a ler português?

Quero uma pessoa que ensine Português e nossa língua. Pode até ensinar português depois, mas eu quero a língua. A língua indígena. E preparar esse povo, depois que estiver mais ou menos, sair prá fora, Tirar seu curso e voltar prá aldeia. É isso que eu queria.

Você queria que preparasse o pessoal da aldeia?

Da aldeia. Estou pedindo que algumas pessoas do meu povo sejam preparadas. Porque do jeito que tá a Funai e a gente não pode confiar mais. Isso eu tô dizendo a verdade, porque eu vejo isso né? Eu não conto... principalmente eu...isso aí eu vou falar em qualquer lugar que as pessoas me fizerem perguntas eu vou falar isso. Porque eu mesmo não confio mais na Funai. Eu não tenho mais confiança na Funai. De que jeito que a gente vai confiar na Funai do jeito que ela tá trabalhando com índio? Então, a gente não confia mais na Funai, não só eu, mas muita gente. Agora eles não falam. Mas eu falo, eu posso falar porque eu tenho que falar. Porque se eu não falar nunca ninguém vai saber, então é bom eu falar isso né? Minha preocupação é isso. Eu gostaria que a Funai, pode ser a Funai mesmo, ajudasse um pouco a gente e arrumasse essas coisas, porque eu queria preparar o povo. Então a minha idéia é isso, sabe? Porque isso vai ser bom pro meu povo, não só pro meu povo, mas prá todo o pessoal lá do Xingú. Isso aí já era prá fazer há muito tempo, no tempo do Orlando, né? Mas nunca eles aproveitaram essa oportunidade que a gente teve. Ninguém chegou a pensar nisso, acho que não. Mas eu penso sim, porque vejo, cada vez vai mudando as coisas. Então a gente vai precisando. É claro que a gente não vai deixar de ser índio. Isso eu nunca vou deixar, mesmo se eu um dia quiser fazer outras coisas eu posso fazer. Mas não vou deixar de ser índio. Vou ser sempre índio porque eu nasci nas aldeias. Então eu vou ter que ser índio. Nunca vou dizer que sou branco, só porque eu tenho carro, eu tenho as coisas. Não vou dizer que sou branco. Eu não vou fazer isso. Então isso é o que é mais importante prá gente. Então minha idéia é isso. Fazer isso com o meu po-

vo. É claro que eu não vou deixar o pessoal meu largar de dançar, fazer festa, fazer o costume da gente. Não. Vai ter que fazer aquilo até acabar. É isso que eu penso.

Quando você fala de escola, já tem alguma pessoa da sua tribo que queira sair prá fazer esse curso de monitor?

Tem. Por isso que eu tô falando isso. Porque eu já sei quantas pessoas que tem lá que se interessa em fazer isso. São rapazes de 14 a 18 anos. Eles sairiam da aldeia, passariam um tempo fora, até eles mesmos tirarem um curso, formar ditteitinho e voltar prá aldeia, prá poder assumir. Porque eu acho que é importante isso, sabe? A gente ter o povo preparado, né? Não prá já também, a gente vai preparar o povo mas prá ficar lá na aldeia só quando precisar mesmo de usar essas coisas que a gente não sabe.

É. Se você tem um monitor né? Po de formar uma escolinha na aldeia...

Pode.

E a língua, não tem perigo de esquecer né?

Então, meu pensamento é isso. Se alguém der apoio prá gente é fácil conseguir. Essas coisas que eu tô falando eu venho pensando de muito tempo, desde pequeno que eu venho pensando nessas coisas. Não sei se vou conseguir fazer isso tudo pro meu povo, mas eu tenho vontade de ver isso funcionar. Tenho mesmo. Toda vez que eu venho aqui eu não penso muito, mas quando eu tô na aldeia eu me preocupo muito com meu povo. Estou aprendendo mais. Cada vez que eu venho por aqui é uma aula para mim. Vai abrindo um pouco a cabeça. Então por isso que é bom andar nesses lugares, prá ver as coisas diferentes né? Porque no nosso mundo tem muito essas coisas. Existem outras. Mas não é assim como do branco né? Como é que a gente fala? Do branco é mais complicado né? Então prá se defender a gente tem que estar preparado. Já que existe a Funai para ajudar o índio, prá dar apoio pro índio, então por isso que agora eu vou chegar no presidente e pedir isso aí. Apoio, né? Só depois disso, se eles derem apoio, é que eu vou acreditar um pouco na Funai. Era só isso que queria falar. Gostaria de contar mais coisas. Mas acho que já deu prá contar um pouco da minha história.